



Personagens literários e preconceito homossexual

Darío de Js. Gómez Sánchez¹

Resumo: Partindo da leitura de um conjunto de dez romances latino-americanos escritos durante o último século, é possível afirmar que a caracterização dos personagens homossexuais é realizada, não tanto pelas suas práticas sexuais quanto por um conjunto de traços comportamentais atribuídos à denominada identidade homossexual pelos enfoques da psicologia tradicional, segundo os quais a homossexualidade é uma perversão ou uma inversão da sexualidade considerada normal.

Palavras-chave: homossexualidade – romance latino-americano – teoria *queer*

Introdução

Como foi demonstrado por Michel Foucault, a partir do século XVIII o sexo começa a ser objeto de uma constante preocupação discursiva; é então que a individualidade passa a ser enxergada e avaliada pela sexualidade, a qual é considerada perversa quando não corresponde ao modelo da monogamia heterossexual. Referendo-se ao caso concreto da especificação do indivíduo homossexual, Foucault diz:

A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se *uma personagem*: um passado, uma história, uma infância, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. *Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade.* [...] A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie.²

¹ Professor Adjunto UFPE. dajego@hotmail.com

² Foucault: Op. Cit. p.50 (grifo meu)

A referência foucaultiana a “uma personagem” é de grande aplicabilidade no presente caso, não só por tratar-se de romances, mas porque nesses romances esses personagens aparecem caracterizados menos pelas suas relações sexuais que pelo seu desejo, e esse desejo aparece explicado pelo seu passado, sua fisiologia e/ou sua forma de vida. É como se esses romances tivessem sido escritos para ratificar ou exemplificar as diversas elaborações ao redor do conceito de homossexualidade; ou, em outros termos, para fazer visível uma série de anomalias atribuídas a quem tem sido classificado na modernidade como sujeito homossexual.

Pervertidos e invertidos

Numa leitura inicial de *Bom Crioulo* é possível pensar na oposição sodomia-homossexualidade, referida por Foucault, com relação aos dois protagonistas: Amaro como o marinheiro sodomita (num contexto no qual, segundo o narrador, é freqüente o “vício” da sodomia) e Aleixo como o adolescente efeminado, com traços físicos e atitudes que revelam seu homossexualismo. No entanto, na obra de Caminha, a ambiguidade e a contradição até são frequentes no momento de caracterizar a sexualidade inter-masculina³. No mesmo romance, fala-se do “delito contra” e da aceitação do “castigo” da natureza. A posição do narrador perante o relacionamento homossexual oscila entre a condenação e a apologia, pois há momentos em que faz alusões à “carnalidade grega” ou ao “gozo pederasta” e por momentos fala do “vício uranista” ou do “delito contra a natureza”; e com relação à configuração da identidade sexual de Bom Crioulo, ela começa sendo apresentada como vício sodomita, passando depois a ter as características da prática da pederastia e acaba sendo considerada como degenerescência moral e física.

Dado curioso é que nem no romance de Adolfo Caminha nem no de Carlos Montenegro aparece o termo “homossexual”. Em *Hombres sin mujer*, publicado em 1936, se fala em “pederastia”, “sodomia”, “enfermidade contagiosa”, “perversão”, “degradação”, “vício” para referir-se à “enfermidade do presídio”; o importante é notar

³ [Amaro] *Nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua vida tivera a lembrança de percrutar suas tendências em matéria de sexualidade. As mulheres o desarmavam para os combates do amor, é certo, mas também não concebia, por forma alguma, esse comércio grosseiro entre indivíduos do mesmo sexo; entretanto, quem diria!, o fato passava-se agora consigo próprio, sem premeditação, inesperadamente. E o mais interessante é que 'aquilo' ameaçava ir longe, para mal de seus pecados... Não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a 'natureza' impunha-lhe esse castigo.* (p. 46)

que, diferentemente de *Bom Crioulo*, no romance cubano o que se considera anormal são menos os sujeitos que suas práticas sexuais⁴.

Contudo, tanto Caminha quanto Montenegro põem ênfase na singularidade do personagem másculo (diferente do personagem efeminado): o fato de Amaro e Pascasio serem negros reforça não só a marginalização sexual, mas também a discriminação racial que sofrem em alguns momentos; e tanto pelo seu passado (escravidão no caso de Amaro, delinquência no caso de Pascasio) quanto pelos espaços onde habitam (barcos e cárcere), esses personagens reúnem as condições e/ou características requeridas para o desenvolvimento de um comportamento social e sexual anormal, seja ele de origem psíquica ou contextual. Em *Bom-Crioulo*, a justificção desse comportamento oscila entre a visão pré-moderna e a definição moderna do homossexual, entre o vício e a enfermidade, entre a prática da sodomia e a degenerescência física e moral individual, enquanto em *Hombres sin mujer* predomina a noção moderna de degenerescência e enfermidade, mas como sendo produto da influência ambiental: da prisão como “fábrica de degenerados” e do “regime nefasto” que promove a desigualdade social. Em ambos os casos, os personagens masculinos que têm sexo com homens acabam sendo identificados como pervertidos, perversão física e moral que se faz mais evidente e progressiva diante da presença de um invertido, que, coincidentemente, nos dois romances, aparece descrito como um lindo adolescente efeminado, loiro e branco. De fato, a (homo)sexualidade de Andrés e Aleixo aparece caracterizada pelo conceito de inversão, amplamente desenvolvido pela medicina legal, o higienismo e a psiquiatria de finais do século XIX, e segundo o qual o homossexual é identificável pelos seus traços morfológicos e características comportamentais femininas.

Assim sendo, é possível afirmar que os dois romances escritos antes dos anos de 1940 acabam reforçando o paradigma médico-moral da época segundo o qual a homossexualidade é uma perversão do instinto relacionada com a delinquência e originada, entre outras opções, por uma socialização defeituosa (como seria o caso de Amaro) ou pela influência ambiental (como acontece com Pascasio), ou, nos casos mais evidentes, tratar-se-ia de uma inversão biológica (como sucede com Andrés e Aleixo).

⁴ - ¿Sabes lo que nos pasa a todos? ¡Sí, eso es! ¿Sabes lo que nos pasa?
¡Que somos hombres sin mujer!...Aquí no hay degenerados; hay solamente, hombres sin mujer... Eso es todo... (p.61)

Ativos e passivos

Na linha dos *gay studies*, o conceito médico de “homossexualidade” não tem maior aplicabilidade no contexto latino-americano. É a oposição ativo/passivo, por contraste com a oposição homossexual/heterossexual, a que costuma ser usada por alguns teóricos na hora de descrever as relações sexuais inter-masculinas na América Latina⁵. No caso concreto dos romances latino-americanos de temática homossexual, a oposição ativo/passivo parece funcionar como eixo argumental nas obras de Arenas, Puig, Lemebel e, parcialmente, Santiago, mas não parece ter aplicabilidade na descrição dos demais romances; seja porque a diferenciação de papéis se torna irrelevante, seja porque o denominado ativo também sofre a discriminação e o preconceito pelas suas práticas sexuais.

Não deixa de ser chamativo o fato de que as características da oposição ativo/passivo sejam aplicáveis na descrição de três dos quatro romances publicados na década de setenta do século passado, os quais (junto ao de Lemebel) são protagonizados por um homossexual adulto efeminado, de baixo nível econômico e cultural (excetuando-se a “Stella” neste caso) e que gosta de assumir uma posição de submissão e inferioridade perante um homem heterossexual nos seus relacionamentos não só sexuais. Isso ocorre precisamente nessa década em que o movimento *gay* começa a desenvolver-se nos países industrializados e, em consequência, a questão da identidade homossexual deixa de ser um assunto médico para converter-se em tema político e matéria acadêmica, motivo pelo qual alguns teóricos dos *gay studies* começam a procurar manifestações alternativas da sexualidade inter-masculina em contextos diferentes do euro-americano, dedicando especial atenção ao travesti dos países latino-americanos. O problema surge quando, com base na relação sexual (geralmente de prostituição) entre homem e travesti, aqueles teóricos definem a oposição ativo/passivo e pretendem abarcar com ela a diversidade das relações sexuais

⁵ A propósito, William Foster diz: “A cultura latino-americana pode definir a homossexualidade em duas formas: seja em termos do discurso médico-criminal euro-americano, segundo o qual qualquer comércio sexual entre indivíduos do mesmo sexo faz os dois homossexuais ou, mais paradigmaticamente, em termos da distinção entre o ativo, que nunca perde seu alinhamento com a masculinidade estabelecida e o passivo, para quem somente é atribuído o desvio sexual”. (Foster, William: “Latin-American literature” In: *An encyclopedia of gay, lesbian, bisexual, transgender and queer culture*. ps. 2-3.) E falando do caso específico do Brasil, Serena Nanda diz: “A ideologia brasileira está baseada na distinção entre aqueles que penetram –o ativo, definido como masculino- e aqueles que são penetrados – o passivo, definido como feminino [...] Dado que o critério mais importante é os papéis sociais e sexuais que as pessoas desempenham, e não sua orientação sexual ou ainda seu sexo biológico, um homem que estabelece uma relação sexual com outro homem não necessariamente sacrifica sua masculinidade, sempre que ele execute o papel masculino, penetrador, ativo, durante o intercâmbio sexual e se comporte socialmente como um homem dentro da sociedade.” (Nanda, Serena: “Men and Not-Men. Sexuality and gender in Brazil.” p. 44 e 45-46)

inter-masculinas nesses contextos, operando uma redução que, pelo que parece, acaba sendo re-produzida pelos romances de ruptura protagonizados pelo personagem coloquialmente identificado como a “bicha” ou “louca”, geralmente acompanhado de um “bofê” ou macho.

A *bicha* ou louca não é um travesti, pois não sofre nenhuma transformação física ou corporal, ainda que se identifica com o feminino. Trata-se de um personagem muito teatral pela ênfase que põe na afeminação de sua fala e seus gestos, relacionados com uma suposta função transgressora no sentido de que procuram pôr em questão as noções tradicionais do gênero e os papéis sócio-sexuais. Não entanto, é possível afirmar que essa teatralidade que por momentos caracteriza o personagem da bicha-louca não corresponde, necessariamente, a uma função transgressora; muito pelo contrário, acaba contribuindo para re-produzir uma visão (e confirmar uma versão) estereotipada do homossexual, originada na sua assimilação equívoca com o travesti e segundo a qual se trata de uma imitação imperfeita da mulher, ou se se preferir, da “ausência da presença do macho”, segundo a expressão de Herbert Daniel. Eis a razão principal pela qual “La loca” ou bicha do romance latino-americano acaba sendo um clichê do sujeito homossexual; trata-se de uma nova versão do invertido, configurado, primordialmente, como uma caricatura do feminino e despojado, quase totalmente, de sua sexualidade, daquilo que precisamente o faz subversivo porque diferente ou “anormal”. Nesse sentido, a passividade do homossexual fica reduzida a sua forma feminina de agir e falar, ou seja, a um estereótipo cultural.

Particularmente acho que a oposição passivo/ativo, tão promovida pelos teóricos *gay* e tão presente nos romances de ruptura, está fundamentada em vários “mitos”, entre eles o de se acreditar que o último não sofre preconceito social e que sempre assume a posição de “ativo”. Na sua pretendida originalidade, essa oposição não é mais que uma variação das teorias essencialistas que, segundo John Boswell, costumam definir a sexualidade com base em dicotomias, dessa vez não pela eleição do objeto sexual, mas pela “preferência por um papel determinado no ato sexual.”⁶, com o agravante de que nessa dicotomia acaba-se reforçando a condenação médico-moral para o membro passivo.

Essa visão dicotômica da prática homossexual se faz ainda mais acrítica e redutora no momento de oferecer uma explicação da feminilidade do passivo, não a partir da concepção pseudo-biológica que predominara na caracterização do invertido

⁶ Boswell, John: “Revoluciones, universales y categorías relativas a la sexualidad”. In: Steiner & Boyer (comps.): *Homosexualidad, literatura y política*. p.50

nos finais do século XIX, mas a partir de uma fundamentação pseudo-psicológica que concebe a homossexualidade como um desvio ou acidente na evolução psicosexual. De fato, nos romances de Arenas, Puig e Lemebel, os dados da infância têm a intenção de promover uma maior compreensão e aceitação do personagem homossexual, caracterizado geralmente como um limitado emocional. O protagonista de *Arturo...* lembra frequentemente os abusos de uma mãe possessiva; em *...La mujer araña* é também a figura da mãe, já não como lembrança, mas como presença e dependência, a evidência de uma situação infantil mal resolvida que possivelmente dera origem à anormalidade. Já em *Tengo miedo torero*, o protagonista relata quase no início como seu pai abusava dele física, emocional e sexualmente, reiterando também uma série de lugares comuns na psicologia behaviorista tais como a debilidade corporal, o vexame social, o castigo físico e a ausência da mãe como causas incontestáveis da homossexualidade⁷.

As argumentações teóricas sobre o desenvolvimento psico-sexual vão ocupar um lugar central na obra de Manuel Puig, num discurso paratextual expresso por oito extensas notas ao pé de página que acompanham o argumento de *El beso de la mujer araña* e cujo conteúdo vai muito além da exposição das explicações psíquicas e inclusive psicanalíticas sobre a etiologia homossexual, até chegar à elaboração de uma reflexão sobre as relações entre identidade homossexual, revolução sexual e transformação social. No contexto da discussão aqui proposta sobre a configuração narrativa do personagem homossexual, as referidas notas parecem cumprir duas funções que, até certo ponto, podem ser consideradas contraditórias: por um lado, confirmam a idéia de uma identidade sexual entendida como desvio originado na infância, mas, por outro lado, questionam a visão freudiana tradicional para atribuir um papel revolucionário à condição homossexual. Com relação à primeira função e com uma intenção didática, Puig começa descartando as teorias biológicas e psicológicas tradicionais até chegar aos conceitos de bissexualidade infantil, complexo de Édipo, narcisismo, fase anal e outros próprios da psicanálise tradicional que, na leitura do romance, podem ser entendidos com relação à caracterização do personagem central. Nesse sentido, Puig não só se serve de uma teoria prévia para a caracterização do

⁷Él decía que me hiciera hombre, que por eso me pegaba. Que no quería pasar vergüenzas, ni pelearse con sus amigos del sindicato gritándole que yo le había salido fallado [...] Yo era un cacho que mi madre le dejó como castigo, decía. Por eso me daba duro, obligándome a pelear con otros niños. Pero nunca pude defenderme, ni siquiera con niños menores que yo, me daban igual y corrían triunfantes con el chocolate de mis narices en sus puños. (p.15-16)

personagem, mas também se refere diretamente a essa teoria, coisa que não acontece em nenhum outro romance. Mas, o que interessa destacar é que essa teoria e/ou essa caracterização, apesar de sua aparente complexidade, só serve para confirmar a idéia de anormalidade, pois para Freud, finalmente, o homossexual é aquele que, entre outras coisas, não conseguiu superar satisfatoriamente todas as etapas de desenvolvimento sexual. Nesse sentido, a diferença da “louca” que protagoniza os romances dos anos sessenta do século passado com o invertido dos finais do século XIX é mínima.

E é, paradoxalmente, a denúncia dessa “vontade normalizadora” da psicanálise a segunda função que cumprem as notas ao pé de página no romance de Puig, pois a partir da sexta nota começam a aparecer as idéias de freudianos heterodoxos relacionadas com a liberação (homo)sexual a serviço da transformação social⁸. O que chama a atenção é que essa função revolucionária atribuída à homossexualidade na segunda parte das notas não parece ter seu correlato, como a primeira, no argumento; a não ser que se considerem como revolucionárias as atitudes de Valentin de fazer sexo com Molina e a de Molina de colaborar com a militância política. Carlos Barcellos afirma que “o romance de Puig estabelece um paralelo entre a dissidência política de Valentín e a dissidência sexual de Molina, face aos poderes estabelecidos”⁹, só que Molina não tem consciência nenhuma dessa dissidência e a motivação de Valentín para o encontro sexual é menos política que utilitarista. Talvez fosse melhor pensar a relação entre o argumento e o segundo grupo de notas, segundo a leitura de José Amícola, como o questionamento de uma noção fixa de identidade¹⁰, o que faz sentido ao se constatar que, no final, Molina morre pela causa política de Valentín e Valentín morre lembrando os filmes com divas que tanto agradavam a Molina; só que esse desenlace não implica necessariamente um questionamento concreto da ideia de identidade sexual.

Assim, pelo menos no seu argumento, *El beso de la mujer araña* reproduz a concepção de homossexualidade como anormalidade, e com ela a condição de inferioridade que dinamiza a oposição ativo/passivo, ainda que tentando superá-la no discurso paratextual. E observe-se que em 1976 – ano de publicação da obra – a dita oposição já era fortemente questionada, como deixa claro Puig no final de sua última

⁸ A oitava nota diz: *En efecto, Freud juzga que la superación de la etapa de ‘perversión polimorfa’ del niño – en la que están involucrados impulsos bisexuales- debido a presiones socioculturales, es un signo de madurez. En esto disienten algunas escuelas actuales del psicoanálisis, las cuales entrevén en la represión de la perversión polimorfa una de las razones principales de la deformación del carácter, sobre todo la hipertrofia de la agresividad. En cuanto a la homosexualidad misma, Marcuse señala que la función social del homosexual es análoga a la del filósofo crítico, ya que su sola presencia resulta un señalador constante de la parte reprimida de la sociedad.* (p.171)

⁹ Barcellos, J.C. *As certezas de Dom Quixote*. p.29

¹⁰ Amícola José: “Hell has no limits” In: Ingeschay, D. (ed.): *Desde aceras opuestas*. p. 32

nota¹¹. Trata-se, precisamente, da evidência do início de uma concepção política da sexualidade inter-masculina, que vai conviver e/ou conflitar com a oposição ativo/passivo, inscrita ainda dentro do paradigma médico-moral da homossexualidade.

Bichas vs. Gays

Diz Dieter Ingenschay:

A cultura gay latina/latino-americana parece oscilar entre dois pólos: poderia considerar-se por um lado como sistema específico 'local' de formação e articulação do desejo pelo mesmo sexo. Por outro lado, as culturas 'latinas' têm traços não somente comuns, mas irrefutavelmente internacionais, e isso significa: traços de uma (perigosa?) imitação de atitudes que provêm do consumismo tardio-capitalista norte-americano ou oriental.¹²

É essa oscilação de pólos que se percebe em *Stella Manhattan*, um romance a meio caminho entre a concepção médica e o paradigma político do sujeito homossexual, e no qual são narradas as experiências de um grupo de migrantes brasileiros nos Estados Unidos durante os anos da ditadura, entre os quais se destacam Eduardo, um jovem carioca que foi expulso de sua família quando descobriram sua “personalidade” de Stella, e Vianna, um homem adulto que trabalha como agregado militar na embaixada brasileira e que leva uma vida dupla. Eduardo/Stella é delicado, feminino, romântico, fala para si mesmo como uma mulher, sonha com um príncipe e sente saudade das praias do Rio; o Vianna está adaptado ao *American way of life*, é forte, másculo, prático, e se veste de couro negro nas suas saídas clandestinas para procurar homens rústicos pelas ruas. Assim descritos, poder-se-ia pensar na oposição passivo/ativo; porém, se é bem verdade que o traumático passado familiar e a intermitente “natureza” feminina de Eduardo o inscrevem dentro da típica caracterização da bicha-louca (“uma bicha tropical em Nova Iorque”), o Vianna não é precisamente um “heterossexual” que faz sexo com outros homens para obter algum benefício, ele é um “entendido”. A denominação de “entendido” pode ser pensada com relação ao fato de que o Vianna não se apresenta como homossexual publicamente, mas assume sua identidade perante seus “semelhantes”; contudo, essa denominação também está relacionada com uma nova

¹¹ *Este prejuicio, u observación justa, sobre los homosexuales, hizo que se los marginara en movimientos de liberación de clases y en general en toda acción política. Es notoria la desconfianza de los países socialistas por los homosexuales. Mucho de esto –afortunadamente, acota la doctora Taube- empezó a cambiar en la década de los sesenta, con la irrupción del movimiento de liberación femenina, ya que el consiguiente enjuiciamiento de los roles ‘hombre fuerte’ y ‘mujer débil’ desprestigió ante los ojos de los marginados sexuales esos modelos tan inalcanzables como tenazmente imitados. La posterior formación de frentes de liberación homosexual sería una prueba de ello.* (p.182)

¹² Ingenschay, Dieter (comp.): *Desde aceras opuestas*. p. 10

imagem (e auto-imagem) do homossexual, do *gay*, diferente em vários aspectos da visão tradicional. Daí que, em *Stella Manhattan*, a oposição não é mais entre o ativo e o passivo, mas entre a bicha e o entendido; entre o homossexual efeminado, antes chamado de invertido, e o novo *gay* de aparência física muito masculina.

A oposição bicha/bofe, com sua fundamentação psicossocial, ainda está presente no romance de Santiago, no personagem de Stella e nos relacionamentos que ela mantém, mas essa oposição convive e entra em conflito com a nova imagem do *gay*, de base mais sócio-política. Trata-se de uma convivência crítica entre duas concepções que também está presente no romance de Luis Zapata, protagonizado por Adonis, um garoto de programa assumidamente homossexual sem conflitos morais nem preocupações pela origem psíquica ou biológica de sua prática sexual.

É precisamente essa convivência crítica entre a oposição ativo/passivo e o paradigma *gay* que faz com que os romances de Zapata e Santiago não possam ser considerados propriamente como exemplos de literatura *gay* ou, melhor, de uma concepção *gay* no romance latino-americano. É verdade que neles se apresentam várias características desse paradigma, tais como o contexto urbano, a apologia à promiscuidade e, especialmente, o fato de se assumir de maneira não problemática a condição homossexual, pois não se encontram ali nem os diagnósticos “médicos” nem os julgamentos morais próprios da concepção originária do homossexualismo; ao contrário, são múltiplas as passagens em que explicitamente se assumem e se defendem as práticas homossexuais. Mas não se trata de romances *gay* no sentido identitário do termo, porque no caso de Santiago o protagonista ainda pertence ao grupo dos homossexuais culposos, com toda sua visão trágica da vida, e no caso de Zapata porque, além da presença das bichas, trata-se antes de uma mistura de promiscuidade *gay* com prostituição e pederastia.

Senhores e senhoritos

No processo do *coming out gay*, as relações sexuais com diferentes parceiros e sem envolvimento emocional vão converter-se numa característica fundamental da sexualidade entre homens. Na sua caracterização da sub-cultura *gay*, Pollak diz:

Uma vez tendo assumido sua diferença sexual, o homossexual entra no mercado dos intercâmbios sexuais. Entre todas as sexualidades, a homossexualidade masculina é sem dúvida aquela cujo funcionamento mais lembra a imagem de um mercado no qual –quando muito – há apenas trocas de orgasmo por orgasmo. As instituições-

chave da vida homossexual são, em primeiro lugar, os locais de paquera: bares, saunas, cinemas e restaurantes especializados, parques.¹³

É nesses lugares que acontece o relato de Santiago, e é nesse “mercado do orgasmo” que se apresenta o romance de Zapata, na sua forma mais extrema: a prostituição, que é a materialização mercantilizada dessa promiscuidade. Para Adonis, seu único interesse é ganhar a vida e fazer sexo, as duas coisas simultaneamente. E é, precisamente, por essa condição de prostituto que o personagem de Zapata não pode ser considerado propriamente como *gay*, pois sua prática sexual tem uma motivação econômica; mas também não corresponde ao “bofe” utilitarista da oposição ativo-passivo, pois da mesma forma que o *gay* ele não se importa com o papel sexual e assume sem conflito sua sexualidade. Melhor seria pensar que Adonis pertence à turma dos homens jovens, ou “senhoritos”, que oferecem sua juventude e sexualidade a um homem adulto, ou senhor, em troca de algum favor ou benefício¹⁴. Nesse sentido, e de uma forma muito particular, *El vampiro de la colonia Roma* poderia ser inscrito dentro dos romances contemporâneos de temática pederasta, cujo maior e quase único exemplo na literatura latino-americana seria, talvez, *La virgem de los sicários*.

O romance de Fernando Vallejo apresenta a relação de um homem adulto com dois adolescentes estimulada menos pela carência econômica que pela necessidade afetiva, numa situação pessoal de solidão, num ambiente familiar de abandono e num contexto social de desespero e angústia. Nesse relato o sexual é só sugerido, nunca desenvolvido, razão pela qual o relacionamento afetivo cobra maior relevância, favorecendo um processo de aprendizado mútuo, nem filosófico nem científico, mas de sobrevivência ao sem-sentido da vida para o senhor, e à presença constante da morte para os sicários. O assunto da identidade sexual também não é relevante neste romance, pois o narrador reconhece sua preferência pelos jovens marginais e assume a pederastia como forma clássica da homoeroticidade, mas nunca se detendo em justificações sobre as motivações de sua “homossexualidade” (chegando quase até o extremo contrário: o silêncio total a respeito do assunto), como também, curiosamente, não se importam com

¹³Pollak, M. “A homossexualidade masculina ou a felicidade do gueto” Em: Áries, Philippe e Béjin, A. (orgs): *Sexualidades ocidentais*. p. 54-76

¹⁴ [...] tenía muchísimo dinero no te creas que cualquier cosa y además era un señor mañoso como todas esas gentes no más que a él no se le notaba y eso iba en su favor porque podía hacer las peores chingaderas sin que nadie se diera cuenta [...] con él tenía comida asegurada y la ropa y más o menos lo que me fuera haciendo falta para vivir ¿no? Como jabón y desodorante y chicles y cigarros y demás cosas que tú tienes que comprar cuando no tienes quien te las compre (p.117)

isso seus jovens amantes¹⁵. É interessante notar que essa falta de relevância do tema (homo)sexual, evidenciada pelo silêncio radical e intencional a respeito da prática sexual, parece ter sua origem numa religiosidade que percorre o relato de modo paradoxal. Mas, o que agora me interessa destacar é que, no final, o subversivo em Vallejo radica menos na prática homossexual que na existência de um relacionamento entre dois homens de idades e condições sociais bem diferentes que, com seus estilos de vida, questionam a validade de uma sociedade dominada pela violência e a frivolidade.

Na ausência de uma literatura *gay*, ou melhor, de uma concepção *gay* no romance latino-americano que promova não tanto a figura masculina como um padrão de identidade homossexual (como o Vianna de *Stella Manhattan*), nem tampouco a promiscuidade como evidência de liberdade (como faz Adonis, o vampiro), mas principalmente a dimensão política comprometida nas práticas sexuais inter-masculinas, o romance de Vallejo constitui uma das primeiras narrativas a destacar o caráter subversivo dessas práticas, não pelo confronto ou resistência à marginalização, mas, precisamente, pela ausência de uma reflexão sobre a origem ou defesa de uma identidade (homo)sexual.

Homens-sexuais ou “raros”

No romance de Silviano Santiago, além da ‘bicha’, Stella Manhattan, e do ‘machão’ *gay*, Vianna, há um personagem bastante particular: o Marcelo, professor universitário, esquerdista, divorciado, exilado em Nova Iorque, e que gosta de ter experiências sexuais com outros homens sem assumir-se como *gay* ou considerar-se homossexual. Esse personagem tem várias coisas em comum com o protagonista do romance de Caio F. Abreu: um jornalista divorciado que mora em São Paulo e que teve alguns encontros sexuais com outro homem.

O interessante é que esses personagens evidenciam um tipo de tratamento da homossexualidade fora dos paradigmas identitários tradicionais, pois não se trata dos “viados” degenerados ou das “bichas loucas” que parecem protagonizar a maior parte dos romances estudados, mas também não são pederastas ou *gays* assumidos (ou enrustidos) no anonimato de suas cidades. São “raros”, o que na classificação sexual

¹⁵ *Aprendí que la relación carnal con las mujeres es el pecado de la bestialidad, que es cuando se cruza un miembro de una especie con otro de otra, como por ejemplo un burro con una vaca. ¿Ves?’ Después, sabiendo que me iba a contestar que sí, por no dejar, le devolví la pregunta y le pregunté si a él le gustaban las mujeres. ‘No’, contestó, con un ‘no’ tan rotundo, tan inesperado que me dejó perplejo. Y era un ‘no’ para siempre: para el presente, para el pasado, para el futuro y para toda la eternidad de Dios: ni se había acostado con ninguna ni se pensaba acostar.* (p. 25)

poderia ser denominado de bissexual, ou simplesmente “homens que têm sexo com homens”, segundo um novo paradigma que põe em questão as noções de identidade.

Dentro do campo dos Estudos *Queer* em particular, é evidente o desprestígio do conceito de “homossexual”, e em seu lugar é freqüente ouvir expressões perifrásticas como “homossexualidade ocasional”, “homicidade”, “homens que têm sexo com homens”, “*same sex oriented*” ou simplesmente “*queer*”. Essas novas denominações (que evidenciam uma nova concepção) começam a surgir em finais dos anos de 1980, quando muitas das supostas conquistas do movimento *gay* começam a mostrar suas fissuras e depois de passado o impacto inicial gerado pela aparição da Aids, doença que permitiu, entre outras coisas, reconhecer que a “bissexualidade” era uma prática muito mais freqüente do que se acreditava e que, em muitos casos, a homossexualidade exclusiva era uma identidade ideal, assim como poderia ser a exclusiva heterossexualidade.

Mas curiosamente, e de maneira bem particular, essa relatividade da identidade sexual aparece presente no romance de Tulio Carella, escrito em 1962 e publicado em 1968. O protagonista de *Orgia* é um homem casado que num novo contexto geográfico decide ter encontros homossexuais com homens que também praticam alternadamente a “homossexualidade” e a “heterossexualidade”. Ainda que seja possível reconhecer alguns elementos da concepção médico-moral como a culpa e a degenerescência, do paradigma *gay* como a renúncia às explicações etiológicas e à promiscuidade, e até alguns comportamentos do modelo “ativo-passivo” de que falam alguns autores como característico da América Latina, também é verdade que o “Professor Ginarte” nunca assume a homossexualidade como um assunto definitivo nem essencial, mas como uma eventualidade¹⁶. Em nenhum momento o protagonista de *Orgia* se pergunta pela origem psicobiológica das suas práticas nem se assume como pederasta ou homossexual, mas só como um homem que se excita pela beleza física masculina e dos homens negros em particular. Além disso, a facilidade com que os homens têm encontros sexuais entre si sem maior controle social e o contínuo contraste entre a cultura euro-latina e a afro-brasileira podem ser pensados como uma crítica da esquemática divisão sexual proposta

¹⁶ *Só há sexualidade. O sexo tem aqui uma satisfação parcial, nunca total. As mulheres são difíceis, as fáceis servem somente para necessitados ou rapazinhos. Os homens poucas vezes se recusam a ser complacentes, a emprestar sua pica para aquele que a solicita. E fazem isto de uma maneira impessoal – pelo menos assim me parece- e logo em seguida se esquecem do que fizeram. Têm interesse no dinheiro, mas isto também é epidérmico. Quase sempre procuram tirar algum proveito, embora pequeno: uma cerveja, uma entrada de cinema, cigarros. Mas fazem amor porque lhes interessa o amor em si. Não têm remorsos nem intenções ocultas como acontece em países que pensam ser mais civilizados.* (p. 246)

pela moderna cultura ocidental. De fato, em alguns momentos, o narrador-personagem faz a crítica de uma sociedade que persegue os desvios sexuais, mas aceita as guerras e a ambição desmedida. Concretamente, em *Orgia*, a identidade sexual deixa de ser o problema central; por isso são quase inexistentes as reflexões do personagem sobre suas práticas homossexuais. No romance de Carella, assim como parcialmente em Santiago e Abreu, as relações sexuais entre homens estão determinadas por circunstâncias muito diferentes da carência física, econômica ou emocional, da promiscuidade *gay* ou da fantasia romântica de um homossexual efeminado; o que é privilegiado é o encontro corporal e não a identidade sexual. Daí que esses três romances pareçam estar em sintonia com afirmações como “a homossexualidade não é nada” ou “a desapareição da homossexualidade”¹⁷, características de um paradigma mais atual.

Esse questionamento e/ou relativismo da identidade é a base das denominadas teorias nominalistas sobre a sexualidade, identificadas por John Boswell como teorias tipo A e segundo as quais “todos os seres humanos são sexualmente polimorfos, ou seja, capazes de interação erótica e sexual com indivíduos de um ou outro sexo indistintamente”¹⁸. Mais próprias da modernidade são as teorias realistas ou tipo B, que “postulam a existência de duas ou mais categorias sexuais cuja diferenciação é baseada, geralmente, ainda que nem sempre, na eleição do objeto sexual”; teorias essas que podem ser relacionadas com o paradigma *gay* e sua luta pela igualdade de direitos territoriais, mediáticos e políticos para a minoria homossexual perante uma maioria assumida como heterossexual. Trata-se de um paradigma, aliás, escassamente representado nos romances latino-americanos de temática homossexual. Mas também nessas teorias tipo B poderia ser incluída a oposição passivo/ativo, recorrente nesses romances e baseada na diferenciação do papel mais que no objeto sexual, com o qual ficaria questionada sua suposta originalidade. Só que a diferenciação ativo/passivo (assim como a definição de sujeito homossexual) está sustentada numa hierarquização ou desigualdade, considerada por Boswell como a terceira possibilidade na categorização da sexualidade:

As teorias tipo C consideram normal (ou ‘natural’, ‘moral’, ou as três coisas) uma forma de resposta sexual, e anormais (‘antinaturais’, ‘imorais’) as demais. [...Elas] são antes normativas que epistemológicas, mas fazem seus os postulados das duas posturas principais sobre o problema dos universais, ao supor, em geral, que as pessoas pertencem por nascimento à categoria normal, mas se convertem em

¹⁷ V. Perlongher, Nestor: “*La desaparición de la homosexualidad*”. p.13

¹⁸ Boswell, John: “Revoluciones, universales y categorías relativas a la sexualidad”. In: Steiner & Boyer (orgs.): *Homosexualidad, literatura y política*. p. 49 e sgts.

integrantes de um grupo desviado por um ato voluntário, embora alguns de seus partidários considerem os ‘desviados’ como membros não culpáveis de uma categoria ‘anormal’, devido a uma doença ou deficiência física ou psíquica.¹⁹

O fato é que são essas teorias normativas ou moralizantes as que parecem predominar na caracterização dos protagonistas dos romances latino-americanos de temática homossexual, pois, excetuando-se aqueles nos quais é relativizada a noção de identidade (Carella, Abreu), eles põem ênfase numa concepção da homossexualidade entendida como degeneração psico-biológica (Caminha e Montenegro), submissão sexual (Puig, e Lemebel), degradação pessoal (Arenas, Santiago) ou carência econômica ou emocional (Zapata e Vallejo).

Bibliografia

- ABREU, Caio Fernando: *Onde andaré Dulce Veiga?* Rio de Janeiro: Agir, 2007 [1990]
- ARENAS, Reinaldo: *Arturo, la estrella más brillante*. Barcelona: Montesinos, 1984 [1971]
- BALDERSTON, Daniel: *El deseo, enorme cicatriz luminosa. Ensayos sobre homosexualidades latinoamericanas*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2004
- BARCELLOS, José Carlos: *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. Coleção Em Questão - Virtual nº 2.
- : *As certezas de Dom Quixote. Configurações do homoerotismo masculino em narrativas hispano-americanas*. Rio de Janeiro: UFF, 2009
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1992
- CAMINHA, Adolfo: *Bom-Crioulo*. São Paulo: Martin Claret, 2003 [1895]
- CARELLA, Tulio: *Orgia. Diário primeiro*. Rio de Janeiro: José Alvaro Ed. 1968
- FOUCAULT, Michel: *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Trad. Maria T. da Costa e J. A. Guilhon. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988 [1976]
- FOSTER, William: “Latin american Literature” In: *An encyclopedia of gay, lesbian, bisexual, transgender and queer culture*. Disponível em: http://www.glbtq.com/literature/latin1_am_lit.html (Acessado em: 10/12/07)

¹⁹ Boswell, J. *Op.cit.* p. 50

- FRY, Peter e McRAE, Edward: *O que é homossexualidade?*
São Paulo: Brasiliense, 1983
- GÓNGORA, Andrés e RODRÍGUEZ, Manuel: “Puto, locaza o arpía: construcciones del sujeto homosexual en tres novelas latinoamericanas” In: GESSAM (org.): *De mujeres, hombres y otras ficciones*. Bogotá: Tercer Mundo/UNAL, 2006, ps. 229-244
- HERBERT, Daniel e MICOLIS, Leila: *Jacarés e lobisomens*.
Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- INGENSCHAY, Dieter (org.) *Desde aceras opuestas. Literatura/cultura gay y lesbiana en Latinoamérica*. Madrid: Iberoamericana, 2006.
- KATZ, Jonathan Ned: *The invention of heterosexuality*. New York: Penguin Books, 1995
- KOSOFKY Sedgwick, Eve: *Epistemología del armario*. Trad. Teresa Bladé Costa. Barcelona: La Tempestad, 1998 [1990]
- LEMEBEL, Pedro: *Tengo miedo torero*. Santiago: Seix Barral, 2002 [2001]
- MILLOT, Catherine: *Gide, Genet, Mishima. Inteligência da perversão*. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004
- MONTENEGRO, Carlos: *Hombres sin mujer*. México: Massas, 1938
- PERLONGHER, Nestor: “La desaparición de la homosexualidad”
In: *El Porteño n° 119*. Noviembre de 1991, ps. 25-30
- POLLAK, M. “A homossexualidade masculina ou a felicidade do gueto” Em: Áries, Philippe e Béjin, A. (orgs): *Sexualidades ocidentais*. Trad. Lygia Araújo. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PUIG, Manuel: *El beso de la mujer araña*. Buenos Aires: Booket, 2007 [1976]
- SANTIAGO, Silviano: *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991[1985]
- BOSWELL, John: “Revoluciones, universales y categorías relativas a la sexualidad”.
In: Steiner & Boyer (orgs.): *Homosexualidad , literatura y política*. Madrid: Alianza Editorial, 1985
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso; a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 5a ed. Rio de Janeiro: Record, 2002
- VALLEJO, Fernando: *La virgen de los sicarios*. Buenos Aires: Suma, 2002 [1994]
- ZAPATA, Luis: *Las aventuras, desventuras y sueños de Adonis García, el vampiro de la Colonia Roma*. México: Grijalbo, 1972